

VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: APRENDIZAGENS SIGNIFICATIVAS

Antonio Lucio Gregorio Lima¹
José Cláudio Leôncio Gonçalves²

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é compreender como se dá o processo ensino- aprendizagem a partir de experiências e vivências concretas, através da partilha de experiência na Residência Pedagógica em História na qual tivemos que discutir e colocar em prática ações docentes. O mesmo é um relato de experiência e sua relevância está na importância dos problemas identificados e dos resultados da intervenção para vivências correlatas, servindo como uma colaboração para a conduta metodológica da área. O relato apresentado conclui que as políticas públicas precisam direcionar cada vez mais o olhar para o aperfeiçoamento da formação prática do professor de História, principalmente nesse período pandêmico.

Palavras-chaves: Experiência Prática, Ensino de História, Residência Pedagógica

INTRODUÇÃO

O presente projeto teve início no começo de outubro de 2020, mais especificamente em 05/10/2020, e nesse primeiro momento aconteceu o encontro de diversas áreas do conhecimento para planejarmos e fazermos a acolhida dos futuros residentes, bem como discutirmos os rumos e o formato da Residência Pedagógica. De modo que o que será apresentado aqui é um relato de experiências acumuladas a partir dessas vivências, construídas no decorrer das experiências práticas como residente. Da mesma maneira, procurei ainda fazer uma observação teórica e prática de uma das aulas que foram ofertadas e que teve como intuito avaliar a profissão do historiador e como essa profissão é útil para a sociedade. Esta ocorreu numa troca de experiência entre preceptores, professores e discentes. Para tanto, averigui o livro chamado *Estágio e Docência* (2012) das autoras Maria Socorro Lucena Lima e Selma Garrido Pimenta, utilizando o material didático *História Passado e Presente da PNL* de 2018, 2019, 2020 com o objetivo de ofertar uma aula referente a função da História para a sociedade

¹ Graduando do Curso de História da Universidade Regional do Cariri - URCA, antonioluciolima2@gmail.com;

² Professor-orientador: Mestre pelo Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Regional do Cariri - URCA, claudioleonciojg@gmail.com.

abordando conceitos teóricos de forma acessível para os/as alunos/as por meio das aulas remotas (KENSKI, 2003).

Tive ainda a oportunidade de assistir palestras de professores de diversas Universidades parceiras para que pudéssemos socializar o aprendizado identificar as dificuldades e refletir acerca dos que tinha vivenciado, buscando instigar o debate sobre o ensino com o intuito de agregar valor ao projeto da Residência Pedagógica. Uma das questões elencadas é o fato que nós, enquanto professores/as exercemos a profissão em um período diferenciado e que tem como contexto um período pandêmico, onde tivemos de entrar em contato com a tecnologia desta vez como instrumento de trabalho para exercer as aulas remotas.

Portanto, esse artigo tem como relevância mostrar como foi vivenciada a prática de ensino nesse período atípico em que os/as docentes tiveram que se adaptarem ao contexto que o Brasil e o mundo estavam sujeitos. Sendo assim, tiveram que se usar, mais do que nunca, sua criatividade e construir conhecimento a partir das ferramentas dispostas tão somente pelos professores e alunos.

METODOLOGIA

Em sua origem o termo metodologia significa estudo dos métodos, dos instrumentos utilizados na busca incessante em se “fazer ciência”. A metodologia compreende os métodos e seus fundamentos epistemológicos empregados para elevação de uma investigação ao patamar de pesquisa científica. De modo que a metodologia consiste em descrever, de modo detalhado, todo processo metodológico realizado para se concretizar uma pesquisa e obter conhecimento válido sobre determinado fato ou fenômeno social. Não há ciência sem o emprego de métodos científicos (LAKATOS e MARCONI, 1986). Os procedimentos metodológicos empregados no estudo de caso utilizam a pesquisa descritiva e exploratória, pois o pesquisador, ao observar os fenômenos, busca conseguir resultados ao término da pesquisa, que permitam o entendimento destes fenômenos (FACHIN, 2003).

A Residência Pedagógica em História, Módulo I, começou em um período de exceção onde uma pandemia assolava o país. Tivemos que ir, aos poucos, nos adaptando, de modo que fazíamos encontros remotos, e quando a situação amenizava nos fazíamos encontros presenciais uma vez por mês. Se por um lado foi ruim o

isolamento pessoal e a falta de contato humano, por outro lado, esse formato remoto nos possibilitou um contato com outros professores dos demais estados do Brasil.

Essa troca de experiência nos ajudou, de forma especial, na formação teórica como também na troca de experiências exitosas que já havíamos experimentado em sala de aula. Um desses eventos foi o Simpósio Endiipe Rio 2020, no qual tivemos o prazer de conhecer a professora do colégio Pedro II chamada Cristina Spolidoro Freund e a graduanda em pedagogia Flavia Medeiros Sarti que lidam com a formação de professores.

Cristina Freund é doutora em Ciências Humanas pela PUC-Rio, mestre em Educação pela PUC/Rio, graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro é especialista em Psicopedagogia. Professora do Departamento de Primeiro Segmento do Colégio Pedro II, participou do Núcleo de Orientação e Aconselhamento Psicopedagógico (NOAP) da PUC-Rio. Experiente na área de Educação, com ênfase em Formação de Professores, Orientação Educacional e Pedagógica e na área de gestão, foi ela quem deu início a conversa, colocando como pauta as práticas docentes, e as dificuldades de alternar entre espaços formativos, fazendo um diálogo entre a Universidade e a escola, defendendo a necessidade de obter uma parceria da escola com a Rede de Ensino Superior. A mesma considerou que existe uma discussão internacional sobre a formação prática do professor para se obter estratégias e objetivos de formação, infelizmente a discussão fica encalhada no tecnicismo e na produtividade, como fosse a formação de um mercado de formação docente e que se forma produtos de seu próprio discurso, devemos insurgir e articular os diferentes espaços informativos e obter um processo de socialização docente.

Enquanto que a professora André Rosana Fetzner que lecionou na educação básica nos anos de 1984 e 2003, exerceu a docência na Universidade Federal do Rio de Janeiro, também trabalha na formação de professores, expôs no debate a situação do PIBID e a necessidade de a Universidade dialogar com escola pública para alavancar a licenciatura no Brasil. Esta mostrou um slide com argumentos e fez contrapontos segundo a sua experiência como professora. Uma dessas questões levantadas dizia respeito às bolsas, pois em seu modo de ver, estas prejudicam os estudantes trabalhadores porque estes são excluídos de participarem das mesmas. Segundo ela muitos estudantes saíram do trabalho precário para exercer o estágio e com isso se preparar para o ofício docente e realizar a labuta que eles desejam. Outro argumento

exposto e defendido por ela é que isso sobrecarregaria as escolas. Na sua vivência, a professora admite que muitas escolas, desejam que os estagiários participem e, portanto, o PIBID pode ser um projeto continuado em relação ao estágio.

Por sua vez, a docente Isabel Maria Sabino que participou em pesquisas nacionais sobre o PIBID na qual teve sua pesquisa publicada na obra *Aprender a ser Professor*, atuou em estágios supervisionados. Ela explica o objetivo da Residência Pedagógica que é induzir ao aperfeiçoamento dos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na Escola de Educação Básica. O projeto surge com o intuito de inovação, ela defende que a Residência acaba ficando presa a prática e esquece a formação, e isso se fortaleceu depois do Governo Dilma, com as Reformas Neoliberais e neotecnicistas. Na residência pedagógica podemos perceber uma disputa em relação às práticas dos professores e principalmente com as reformas da BNCC.

REFERENCIAL TEÓRICO

Aprendizagem é o processo pelo qual se adquire, assimila e transforma conhecimentos, habilidades, competências, comportamentos e valores (ZABALA, 2015). Ocorre a partir do estudo ou da experiência própria ou transmitida por alguém, como acontece nas instituições de ensino. Esta é um processo de mudança de comportamento obtido através da experiência construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais. Aprender é o resultado da interação entre estruturas mentais e o meio ambiente. De maneira que é o/a professor/a que exerce a sua habilidade de mediador das construções de aprendizagem. A principal função da escola é ensinar, e o papel do aluno é aprender, o que configura o processo de ensino e aprendizagem. Para que isso ocorra de maneira eficaz, existem diversas teorias e estratégias envolvidas. As principais teorias da aprendizagem abordam três aspectos centrais:

- **Cognitivo:** trata-se do conjunto de habilidades mentais necessárias para a construção de conhecimento, como pensamento, raciocínio, memória, linguagem e abstração.
- **Afetivo:** a assimilação do conhecimento ocorre a partir de experiências internas, como sensações de prazer, satisfação e bem-estar, relacionadas ao vínculo existente entre o objeto de estudo e seu mediador.

- Psicomotor: envolve respostas musculares adquiridas através de treino e prática, utilizando a linguagem corporal como mediadora desse processo.

Historicamente, os modelos tradicionais de educação geravam uma aprendizagem memorística, pela qual os alunos recebiam as informações, decoravam, utilizavam para realizar atividades e avaliações, e logo as esqueciam. Sendo assim, tornou-se necessário repensar as formas de ensinar e aprender, de modo que fossem de fato assimilados os conhecimentos, a fim de serem utilizados posteriormente, garantindo a aprendizagem e o desenvolvimento dos estudantes. A estrutura cognitiva é um fator primordial para concretizar a aprendizagem, principalmente a memória, considerando seu repertório já existente para facilitar esse processo. Durante o período de pandemia essas teorias foram postas à prova.

Enquanto que o conceito da Residência está relacionado com a aproximação do exercício profissional, um contato do futuro professor ao contexto do seu trabalho. Os novos profissionais terão que formar uma resistência em relação a padronização cultural, onde eles precisarão de utilizar da crítica para contrapor a lógica tecnicista. Nós também analisamos o livro de Selma Garrido Chamado Estágio e Docência onde a gente teve que ler os dois primeiros capítulos. A partir da observação geral desses textos podemos observar o método da imitação onde o aluno enxerga o professor como um espelho onde o estudante reelabora modelos existentes. Os discentes aprendem conosco através da observação onde elabora o seu próprio ser e se adaptando aos contextos. Isso pode jogar uma responsabilidade excessiva no aluno provocando uma culpabilização.

Nesse processo escolhem, separam aquilo que consideram adequado, acrescentam novos métodos, adaptando-se aos contextos aos quais se encontram. Para isso, lançam mão de suas experiências e dos saberes que adquiram. Em que pese a importância dessa forma de aprender ela não é suficiente e apresenta alguns limites. Nem sempre o aluno dispõe de elementos para essa ponderação crítica e apenas tentar transpor os modelos em situações para as quais não são adequados. (GARRIDO; LUCENA, 2012, p.35)

Também foi abordado temas como teoria e prática educacional. A técnica está relacionada ao ato de botar em prática alguma operação que envolve sua profissão, onde o indivíduo opera o instrumento para exercer seu ofício. O problema é que a técnica não dá conta da complexidade das situações e muitas vezes o indivíduo fica preso às rotinas

que ofertam tédio, neste caso a teoria e a prática ficam em estado de isolamento. O emprego da atitude sem reflexão tem como base a técnica que cria a ilusão que as práticas são iguais. Nesse modelo a escola se torna um aparelho reprodutor (GARRIDO; LUCENA, 2012).

A dissociação entre a teoria e a prática resulta em um empobrecimento das práticas nas escolas e se é necessário o emprego da prática e da teoria para fazer uma ação educacional. Levando em conta que o professor faz sua intervenção na sociedade. É importante salientar que a ação envolve um arcabouço maior onde existe os modos de agir e pensar seus valores e compromissos, onde inclui os desejos e as vontades e a formação dos esquemas teóricos.

Chamamos de ação pedagógica as atividades que os professores realizam no coletivo escolar supondo o desenvolvimento de certas atividades materiais orientadas e estruturadas. Tais atividades têm por finalidade a efetivação do ensino e da aprendizagem por parte dos professores e dos alunos. Na verdade, o que acontece é um processo de interação entre as partes, onde se articula os diversos saberes pedagógicos do professor, e no qual o educador reflete sobre a prática e a teoria.

O docente pode ressignificar as suas ações como também ele pode rever as teorias para adequar a prática, levando em consideração que a teoria pode ser uma explicação provisória da realidade. O Estágio pode aproximar o estudante de licenciatura com a realidade onde ele passa um tempo refletindo em relação ao ensino e depois passa a conviver com a prática escolar. O discente licenciando tem que refletir sobre suas ações como um agente social, através da reflexão e da ação dentro da sociedade e problematizar as suas ações como educando. Através da observação, reflexão e ação, com o agravante do ato de pesquisar ajuda para esse desenvolvimento da atitude educacional e com isso se forma o professor pesquisador buscando responder adequadamente as situações de incerteza. (GARRIDO; LUCENA. 2012).

O material que a gente utilizou para exercer as aulas foram o livro didático do Ensino Médio chamado História Passado e Presente da PNLD de 2018, 2019, 2020 (REINALDO; AZEVEDO, 2016), nesse momento de exceção tivemos que nos adaptar a utilização de plataformas virtuais como o Google Meet e WhatsApp. O professor nos mostrou o método síncronico e assíncronico. Durante a formação se foi debatido sobre a regência que iríamos exercer e as dificuldades que os alunos tinham por conta da

dificuldade de ter acesso a internet necessitando de uma participação maior entre os discentes.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Uma das aulas que nós exercemos foi sobre a Ditadura Civil-Militar (1964-1985) e a percepção que nós tivemos é que os estudantes ficam menos ativos nas aulas. Pelo menos no meu caso a internet não estava funcionando de maneira adequada e nas discussões se foi comentado sobre a dificuldade daqueles que estudam pela internet de forma precária.

Observo que tem sido um grande desafio ensinar neste modelo remoto. Chamamos de remoto porque realmente muitas destas habilidades, nós professores, tivemos que aprender de forma emergencial diante de uma situação grave em um contexto mundial. Esse modelo de ensino que eu experimentei como professor e também estudante, oferta ao discente uma capacidade maior de centrar a responsabilidade no estudante, exigindo que ele procure pelas aulas, assim, o professor muitas vezes aparece como um orientador. Evidentemente que teríamos que ser compreensivos, porque muitos alunos se sentiram exaustos psicologicamente por conta da Pandemia da Covid-19, onde o tempo ficou mais extenso e ao mesmo tempo mais curto, para eles refletirem e entregarem os seus trabalhos.

Uma das competências que foram estendidas da BNCC foi à atividade reflexiva justamente porque muitos de nós ficamos em casa trabalhando de forma remota exigindo que o aluno passe mais tempo pensando para responder as perguntas expostas pelo o professor. O trabalho expositivo acabou se fortalecendo diante desse novo contexto que mostrou nossas dificuldades como profissionais. Na verdade não só nossas dificuldades, aliás, percebemos como nada é estável e que sempre teremos que lidar com as contingências das nossas vidas e diante de suas desventuras teremos que ter plasticidade como profissionais da educação.

Uma das aulas abordadas foi sobre “O que é História” e qual sua utilidade para a vida. Assim, os alunos além de assistirem as aulas, responderam a um questionário e depois socializamos estas informações. Com isso, fizemos reflexões sobre o tema. Nós utilizamos o livro didático, mas não me limitei a este material. De maneira que sempre

incluía outras bibliografias para compreender melhor, aumentar o campo de percepção e melhorar o referencial teórico como futuro professor.

Uma das abordagens que nós debatemos foi a História como objeto de experiência que nos faz lembrar a nossa compreensão como indivíduos dentro de uma sociedade. Sendo que através dos seus símbolos culturais, e dentro da relação econômica moldam o que nós somos agora. Dai nos questionamos como isso pode nos influenciar para o nosso futuro. Por exemplo, a nossa maneira de vestir e de pensar não surgiram do acaso. E nem um evento de curta duração como um golpe de Estado surgiu como uma surpresa.

Assim, o que conhecemos como agente histórico também foi algo que foi mudando ao decorrer da Historiografia. Teve um tempo que o povo simples ou a “arraia miúda” foi relegado ao esquecimento por não pertencer ao grupo dos grandes homens vitoriosos e o foco eram as crônicas monásticas e a memória política (VEYNE, 1990). Mas esse fato mudaria com o iluminismo que observaria a História em um ponto de vista social, durante o século XIX os epílogos de Ranke marginalizaria novamente a História cultural e social. Com a Escola dos Annales a situação mudaria de figura ofertando uma nova ótica em relação ao método Historiográfico.

Originalmente chamada *Annales d`histoire économique et sociale* tendo por modelo os Annales de geographie de Vidal de la Blache, a revista foi planejada desde o início para ser algo mais do que uma outra revista histórica. Pretendia exercer uma liderança intelectual nos campos da história social e econômica. Seria porta voz, melhor dizendo o alto falante de difusão dos apelos dos editores em favor de uma abordagem nova interdisciplinar da História. (Burke,1992, p.23).

A partir da década de 1960 os Historiadores passaram a incluir os sentimentos humanos dentro do processo Histórico. Aliás, o que conhecemos como processo histórico foi marginalizado por alguns historiadores durante o século XIX que preconizava pelos eventos, mas a Escola dos Annales emergiu a História como um processo longo ou de média duração como também de curta duração. O evento é uma superfície como uma casca daquilo que entendemos como nossas vidas, e o historiador precisava se utilizar de diversas fontes para temperar e ofertar substância a um período

Histórico, onde aquele que se utiliza como labuta a História sistematiza a memória que está ligada a uma parte afetiva do coletivo ou do indivíduo.

A partir dessa nova visão metodológica do ensino de História é que se puderam fazer diferentes abordagens historiográficas, foi-se criando possibilidades de estudar aspectos históricos, que até então nem sequer eram pesquisados ou citados na literatura ou meio acadêmico. Para o historiador Peter Burke (1992, p. 11):

(...) a nova história começou a se interessar por virtualmente toda a atividade humana. (...) Nos últimos trinta anos nos deparamos com várias histórias notáveis de tópicos que anteriormente não se havia pensado possuírem, como por exemplo, a infância, a morte, a loucura, o clima, os odores, a sujeira, os gestos, o corpo. (...) O que era previamente considerado imutável é agora encarado como uma “construção cultural”, sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço.

Assim, o historiador enxerga a memória como um problema que deve ser resolvido e enfrentado segundo os traços que foram deixados do passado que não podem ser reconstruídos de forma completa, mas pode ser emerso uma parte daquilo que foi vivido (BURKE, 1992).

Uma das questões mais interessantes que eu percebi ao exercer a docência foi o debate acerca do tema da utilidade da História. No momento em que eu fui para a prática na disciplina de estágio, observava que os alunos enxergavam as disciplinas com uma ausência de propósito, onde eles não enxergam de forma funcional o que está sendo discutido. Mostramos que sem a História estes não seríamos capazes de repensar os nossos atos sem um ponto de vista histórico que serve como a afirmação da nossa identidade. No decorrer do exercício das aulas, percebemos que é muito difícil entenderem o conteúdo que está sendo abordado sem os mesmos saibam como se constrói a História.

Estudar História não é apenas conhecer e entender os caminhos trilhados pelos seres humanos no passado. Graças ao estudo da História, podemos fazer uma leitura crítica de nosso presente e compreender como e porque nossa sociedade encontra-se hoje constituída da maneira que a conhecemos. (AZEVEDO; SERIACOPI, 2016, p.3).

Também achei muito interessante os alunos escreverem o que eles entendiam por História. Se por um lado alguns escreviam que era aquilo que tinha sido um marco

histórico que afetava todo o mundo, outros viam como uma ciência que analisava os homens ao longo do tempo. Um fato interessante que tem que ser analisado é que alguns confundiam o conceito de História com passado. Estes conceitos são diferentes enquanto que um tem o olhar sistemático e o outro muitas vezes afetivo. A História observa o passado de um ponto de vista crítico e como um objeto a ser problematizado. Através do passado adquirimos as nossas experiências, mas com a História podemos trazer para o presente de forma mais concreta aquilo que já foi mesmo não aparecendo completamente transparente (ALBERTI, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que é importante que os profissionais de educação ofertem um sentido para a sua ação educacional e que ele seja capaz de se adaptar. O docente tem que tecer críticas em relação ao contexto vivenciado no seu dia a dia como também aprender a conviver com a incerteza do seu trabalho, ofertar aos seus alunos a utilidade do trabalho docente como no caso dos professores de História e o objetivo do seu ofício. Para o professor exercer a sua profissão ele terá que avaliar a sua bagagem teórica para conseguir enfrentar a realidade da sala de aula. O relato apresentado conclui que as políticas públicas precisam direcionar cada vez mais o olhar para o aperfeiçoamento da formação prática do professor, principalmente nesse período pandêmico. E que essas experiências vivenciadas na Residência Pedagógica são extremamente necessárias para a construção da formação de educadores mais sólidos e que acompanhem as mudanças no contexto educacional com maior experiência. Portanto, evidencia que a soma das ações praticas somadas com as teóricas são essências para formar um docente mais capaz de exercer efetivamente a sua função docente.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Editora FGV, 2018.
- AZEVEDO, Gislane; Seriacopi, Reinaldo. **História Passado e Presente**. 1º Edição. São Paulo. Editora Ática, 2016.
- AZEVEDO, Reinaldo. O Estupro como estandarte. **Folha de S. Paulo, São Paulo. Primeiro Caderno**, p. 6, 2016.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da Historiografia: A Escola dos Annales.**1929 a 1988. 2º Edição. São Paulo. Editora Unesp, 1992.

FACHIN, Odilia. Fundamentos de metodologia. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

GARRIDO Pimenta, Selma; Lucena Lima, Maria Socorro. **Estágio e Docência.** 7º edição. São Paulo. Editora Cortez,2012.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação.** Papirus editora, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia científica. In: **Metodologia científica.** 1986. p. 231-231.

VEYNE, Paul et al. História da vida privada. **São Paulo: Cia. das Letras,** v. 1, 1990.

ZABALA, Antoni; ARNAU, Laia. **Como aprender e ensinar competências.** Penso Editora, 2015.